

Nada Digo de ti, que em ti não veja.

Eliana Alves Cruz

“Aquele que violenta a Lei será violentada por ela”.

Dicionário dos Inquisidores, Valência, 1491.

O romance se passa no Rio de Janeiro em 1755.

Trata do relacionamento de duas famílias.

Antônio Gama + Manuela + Frei Sardinha.

Lucas – Portugal – Felipa

- Baltazar Vila Rica

Felipe – Rio de Janeiro

Henrique Moraes + Branca Muniz

Irmão – Diogo

- Única filha Ana – Sianinha

Antônio, comerciante, esteve entre os que defenderam o Rio de Janeiro da invasão Francesa, 1555 a 1567 – Villegnanon hoje abriga a Escola Naval.

Trisavó de Antônio dizia “Terra é um tesouro que não se vende, ao contrário, se conquista”.

Felipe e Sianinha se casariam e as famílias se fortaleceriam. Estavam aguardando o processo do Santo Ofício. Baltazar Gama cuidava da mina de ouro em Vila Rica (Ouro Preto), em sociedade com Branca Muniz.

Lucas cuidava dos negócios da família em Lisboa.

Ambas as famílias eram de judeus, convertidos.

À noite, os escravos levavam os excrementos das casas para a rua da Vala ou para as praias.

Em 1732, chega ao Rio de Janeiro, a “Terra do Pecado”, o frei Alexandre Saldanha Sardinha, o inquisidor do Tribunal do Santo Ofício, vinha, vistoriar o Rio de Janeiro, declarou: “Como é preta a gente desta cidade, e como é suja, um cenário caótico em meio a um paraíso pintado por Deus”.

Felipe, o jovem rapaz conhece, se apaixona e mantém encontros com “Vitória”, que quando menino era Killuanji Ngonga, depois Nzinga Ngonga. Depois Marinda, depois Manuel Dias e, finalmente, Vitória.

Felipe recebe uma carta anônima que denunciava todo seu envolvimento com Vitória e, ao final dizia: Nada Digo de ti que em ti não veja.

Vitória era mandingueira (feiticeira), e calundunzeira (curadeira espiritual). Nasceu no Congo. Dizia: “A ingratidão é um vício de Sinhô e de Sinha”

Onde havia muito dinheiro, aí estava a inquisição. A inquisição investigava e julgava heresia bruxaria e desvio da doutrina cristã nos séculos XII até XV. A inquisição Espanhola (1.478), e a Portuguesa (1.536), atuava, também, nas colônias.

Com foco particular foram os conversos, judeus convertidos ao catolicismo. (apostasia). Existiu até o início do século XIX, em “Sacra Congregação do Santo Ofício, 1908.

Em 1965 com o “Concílio Vaticano II”, o Papa Paulo VI muda a doutrina, e a doutrina de fé de João XXIII dá cara nova à igreja católica.

Tudo corria bem nas famílias convertidas, Gama e Muniz, até que uma certa manhã apareceu um marrano (ex-comungado) na porta.

Marrano, cristão – novos ou, em hebraico, Anusim (os forçados) e junto ao marrano foi colocada a frase: “nada digo de ti, que em ti não veja”.

O escravo Ze Savalu, vindo do Benin e ligado ao candomblé. O pensamento que o guiava “Quando tudo estiver difícil, olha para a frente”.

Jimvana, nome usado por portugueses para designar negros acusados de feitiçarias e homossexualidade.

Valores da época:

1 kg de sal = 1kg de ouro

1 escravo = 300 gr de ouro

1 mulata linda = 5kg de ouro

Em fevereiro 1733, houve o julgamento e toda história foi revelada por Vitória. É o seu fim.

Felipe se entrega ao mar. Vitória é presa junto com Branca Muniz, Zé Savalu, Quitéria e toda a turma compram a alforria e uma terra distante. Levaram Manuela e Felipa. Baltazar foi morto. Sianinha vagava pobre pelas ruas sem rumo. Ficou conhecida como “Menoiga Nubente”, virou lenda.

Diogo Muniz, que era o autor das cartas anônima e delator da família, foi poupado e distribuiu a herança às ordens religiosas. Se flagelava e vivia a pão e água.

Frei Sardinha foi execrado pela população, foi exilado na África, morreu só, esquecido e chamando por Manuela.

Branca foi condenada por práticas Judaizantes e contrabando. Crime de lesa majestade.

Vitória escapou da prisão. Teria encontrado seu grande amor, Felipe?

Tudo passa, o amor jamais. Nada disse, digo ou direi de ti, que em ti não veja.

Há quem diga que a última vez que viram Vitória foi na hora do perfume da dama da noite, abraçada a um jovem despido e cheirando a mar, nos fundos de uma capela abandonada, no Monte Castelo, ao lado de uma enorme figueira.